

## **Identidades femininas na imprensa Franco-Brasileira: interfaces entre a vida e a obra de Lya Luft e Françoise Giroud**

Iara Barroca  
Universidade Federal de Viçosa

Nós não temos a profissão das ciências nem a obrigação de sermos sábias;  
mas também não fizemos voto de sermos ignorantes.  
(Teresa Margarida da Silva e Orta, 1945)

Uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, mais tarde, o direito ao voto. Quando falamos em periódicos do século XIX, há que se destacar, pois, essas grandes linhas de luta.  
(Muzart *apud* Duarte, 2016)

Propõe-se uma reflexão, de ordem interdisciplinar, sobre a presença de identidades femininas na imprensa franco-brasileira do século XX. Busca-se realçar a importância da participação de algumas escritoras para o avanço dos estudos sobre a escrita de autoria feminina, priorizando, na historiografia literária do Brasil e da França, uma análise da ativa participação dessas escritoras na vida social, política e econômica desses países, especialmente através da imprensa – espaço preambular para a publicação de textos jornalísticos, artigos e crônicas assinadas por mulheres.

Tratar a questão da historiografia literária implica abordar, também, a questão do gênero, incluindo suas mais diversas acepções e investindo, especialmente, na investigação da *categorização* que se propõe ao referido termo na atualidade. Para isso, foram escolhidas duas autoras contemporâneas, na tentativa de aproximar os padrões estéticos de produção jornalística e literária, como também as particularidades do contexto de produção que se fazem sobressair na interface de cada cultura: Françoise Giroud, suíça, nascida em 21 de setembro de 1916 e Lya Luft, brasileira, nascida em 15 de setembro de 1938. Apesar de diferentes itinerários políticos e literários, ambas as escritoras contribuem proficuamente para a análise que aqui se pretende demonstrar, uma vez que cada uma atuou e contribuiu para a efetivação de uma presença intelectual feminina em espaços carregados de dominação masculina.

Uma questão interessante, de ordem conceitual, diz respeito a nomenclaturas que se destacam pela categorização do gênero, quando nos deparamos com a conceituação de “feminino”. No caso da imprensa, a abordagem nos leva a refletir sobre as intenções de uma dada definição: imprensa para mulheres ou imprensa feminina? A crítica Dulcília Buitoni foi precisa ao afirmar que “Imprensa feminina é um conceito definitivamente sexuado: o sexo de seu público faz parte de sua natureza. Desde que surgiu no mundo ocidental, no fim do século XVII, já trouxe a distinção às mulheres no próprio título do jornal – *Lady’s Mercury* – prática a persistir até hoje.” (Buitoni, 1981: 7). Vale lembrar que esta é uma imprensa dirigida e pensada para mulheres, diferenciada, portanto, por protestar contra a opressão e a discriminação das mulheres diante de sua anulação em relação aos direitos civis e políticos. A imprensa feminina passa a ter, então, participação decisiva na formação intelectual da mulher e na construção cultural e discursiva de uma nova identidade. No caso das autoras que busco destacar neste artigo, temos a presença de Françoise Giroud como primeira mulher a dirigir a revista feminina francesa *Elle* que, como o próprio nome diz, denota o espaço marcadamente feminino, e Lya Luft como primeira mulher a publicar artigos, semanalmente, na revista *Veja* – uma das maiores revistas de circulação nacional.

Entre trabalhos e publicações distintas, Françoise Giroud e Lya Luft mantêm uma conexão especial na força motriz que as impulsionou a ocuparem, enquanto mulheres, os espaços socialmente construídos para o exclusivo domínio e exercício masculino: a presença paterna, fortemente masculina, clarividente na premência dos reflexos que as tornariam autônomas no tocante a suas escolhas, independentemente do sexo que as constituiu, enquanto ser humano.

Nascida de pais judeus, em Lausanne, na Suíça, Lea France Gourdjji teve seu nome oficialmente modificado em 1964 pelo pseudônimo Françoise Giroud, onde quase se lê, em Giroud, um anagrama de seu primeiro nome Gourdjji, inventado por André Gillois, quando ela foi convidada a trabalhar em um programa de rádio francesa, em 1937. Embora seja uma jornalista de destaque na França, reconhecida como “a grande dama da imprensa francesa”, é o cinema que marca o início da carreira de Françoise Giroud. A partir de 1935, a autora começa a se dedicar à carreira cinematográfica em Paris – o nome de “France Gourdjji” aparece no filme *Baccara*, de Yves Mirande – e, em seguida, torna-se a primeira mulher francesa autora do roteiro de um filme, o do diretor Marc Allégret e de Jean Renoir, de quem se tornou assistente de direção a partir de 1937, e, posteriormente, de Jacques Becker, com quem escreveu roteiros em parceria, dessa vez assinando o nome *Françoise Giroud*.

Logo após a guerra, em 1945, ela foi contratada por Hélène Lazareff para atuar como diretora de redação e criação da revista *Elle* – uma publicação moderna e feminista para a época.

Giroud também colaborou, ao mesmo tempo, de 1945 a 1953, com os jornais *France Dimanche*, *L'Intransigeant* e *France Soir*, escrevendo artigos biográficos. Em 1953, ela fundou, juntamente com Jean-Jacques Servan-Schreiber, a revista *L'Express* – a primeira revista de informação francesa –, veículo de uma equipe que pretendia repensar a política; ferramenta de pessoas ansiosas por redefinir a moral pública; o símbolo de uma geração que reconhece, nesse veículo, suas aspirações e seus costumes.

Nos últimos anos de vida Françoise Giroud escrevia uma página semanal sobre televisão na revista *Le Nouvel Observateur*, depois de ter passado por grandes canais como *Paris-Soir*, *France-Soir* e *Le Journal du Dimanche*. Françoise Giroud foi também Ministra da Condição Feminina e, posteriormente, a primeira mulher a ocupar o posto de Ministra da Cultura. Para além de cargos de destaque na imprensa e na política, Françoise introduziu, na imprensa francesa, o gênero “perfil”, *portrait*, em francês – gênero que lhe conferiu audácia e propriedade para elaborar o perfil de grandes personalidades francesas. Tendo por biografias seu gênero de escrita mais aprofundado e mais longo, e, talvez por isso, o de sua predileção, Françoise escreveu sobre Marie Curie – *Une femme honorable*; sobre Alma Mahler – *Alma Mahler ou L'art d'être Aimée*; sobre a mulher de Karl Marx – *Jenny Marx ou La femme du diable*; sobre a mulher de Wagner – *Cosima la sublime*. O último livro de Françoise Giroud foi a biografia de Lou Andreas Salomé – *Lou* – que foi lançado em 2002, meses antes de sua morte, em janeiro de 2003. Destacam-se, ainda, as habilidades de criação artística e musical, nos textos produzidos especialmente para canções. Este breve resumo das atividades às quais Françoise Giroud se dedicou evidenciam a forte presença de sua personalidade feminina nas mais variadas esferas, numa eficaz demonstração de que a mulher pode, sim, ocupar, com efervescência, os espaços social e culturalmente construídos para os homens.

A vivência de Françoise Giroud traz-nos a reflexão, para a qual Alain Touraine nos chama a atenção, sobre os radicalismos inerentes ao processo de categorização do gênero, uma vez que, segundo ele, “o objetivo de quase todos os autores que analisam ou procuram transformar a situação das mulheres é fazer desaparecer estas últimas – e, logo, as categorias de gênero.” (Touraine, 2006: 18). Para ele, isso ocorre em relação às mulheres porque os termos que as definem estão de tal modo carregados de dominação masculina e, ao mesmo tempo, esboçam com tamanha nitidez a figura de inferioridade ou da impureza “que a luta contra a desigualdade, a violência e as interdições não parece atribuir-se objetivo mais ambicioso do que o abolir das diferenças entre homens e mulheres” (Touraine, 2006: 18).

Embora as discussões preliminares sobre a noção de gênero – *gender* – sejam complexas, vale a pena mencionar que, em princípio, muitas intelectuais feministas lutavam, com veemência,

contra a ideia da “mística feminina”, ou “natureza feminina”, ou mesmo contra a ideia de uma “psicologia das mulheres”, noções estas que alimentariam um tipo de psicanálise que se limitasse a aplicar, às mulheres, conceitos criados para compreender os homens, e que por isso encerravam-nas em uma posição de inferioridade em relação ao universo masculino. A partir dessa premissa, a noção de gênero enquanto *gender* se impôs em grande parte do mundo, e ainda que não tenha sido verdadeiramente acolhida em países como a França, foi a célebre escritora francesa Simone de Beauvoir que trabalhou, incansavelmente, na elaboração de uma definição para os *gender studies*, especialmente em seu livro fundador *Le Deuxième Sexe*. A partir disso, as análises sobre a redução das mulheres a seres sociais, a substituição da “exploração dos mistérios femininos” pela análise da maneira como cada sociedade constrói modos de sexualidade e de relação entre homens e mulheres, sem excluir as relações homossexuais, marcam o fim do dualismo que reduzia a mulher a existir simplesmente para o homem, como defendeu Beauvoir (1949). Embora a análise crítica da noção de gênero seja complexa e implique outros efeitos, é inegável reconhecer que

[...] a ideia de gênero carregava em si um determinismo social, e mesmo ideológico, das condutas femininas. As mulheres eram supostas agir em função do seu lugar na sociedade; a sua subjetividade não era senão um conjunto de reflexos e de ilusões, que não as tornava capazes de ação autônoma. Ora, a partir do momento em que se substitui a esse determinismo vago mais geral a tese mais incisiva da dominação masculina, é preciso tomar consciência de tudo o que foi eliminado: a história pessoal, os sentimentos (*feelings*), as relações interpessoais, em suma, tudo o que intervém na formação da personalidade. Por isso não se deve escolher entre um determinismo social e uma subjetividade de ordem psicológica: tudo se combina para criar as identidades singulares. (Touraine, 2006: 21).

É partindo dessa ideia de (re)criação de identidades singulares que retomo a importância das mulheres no contexto político e social de seus países e de suas culturas. Michelle Perrot, em seu livro *Mulheres públicas* (Perrot, 1998: 10-15), discute como as mulheres sempre foram figuras ambíguas nos espaços públicos devido à forma como estiveram, durante séculos, por razões históricas, sociais e econômicas, confinadas ao espaço privado, e, por conseguinte, alijadas das esferas públicas e impossibilitadas de assumir um papel intelectual mais incisivo, especialmente se considerarmos o fato de que as mulheres, enquanto intelectuais, ocupavam necessariamente posições periféricas em relação ao homem intelectual do início do século 20, uma vez que o ideal de intelectual era fixado a uma figura exclusivamente masculina. Silviano Santiago também argumenta em favor do reconhecimento das questões de gênero para a inserção da mulher em uma esfera pública, ponderando que

a liberdade retórica *com* gênero favorece a sensibilidade e a espontaneidade literárias, que, por se relacionarem de modo confessional e lírico com a linguagem, retiram sua força artística não das firulas do cânone, mas da experiência libertária de corpos multicoloridos, sexuados e sofridos na pele, que vivem e sobrevivem em diferença. (Santiago, 2004: 87).

Essa experiência libertária de que fala Santiago parece iluminar alguns traços decisivos para a compreensão de parte da história de vida de Françoise Giroud, que a transformou em um grande nome e uma forte presença no ativismo social, político e cultural de seu país. E talvez por isso também sejam as biografias o trabalho predileto dessa autora, isto é, poder falar de uma experiência libertária de corpos diversos, que vivem e sobrevivem em diferença, a diversas nuances de diferença. Nesse sentido, retomo a história do pai de Françoise e seu provável impacto na constituição desse ser feminino ativo e destemido do universo dominado pelos ditames do masculino. Em *Histoire d'une femme libre*, um relato autobiográfico manuscrito por Giroud, após uma tentativa de suicídio, recuperado por Alix de Saint-André e posteriormente publicado com a autorização da filha de Françoise Giroud, Caroline Eliacheff, podemos acessar registros inéditos da vida dessa especial jornalista, uma vez que ela registra, como em um diário, o turbulento cenário de sua vida, bem como os perfis que ela traçou em relação ao mundo e às pessoas que dele participaram. Um pouco desse traçado autobiográfico nos dá suporte para a compreensão da intensa necessidade de afirmar-se, tanto nos espaços públicos quanto nos privados, como uma mulher livre.

E é ela mesma quem nos diz: « Je suis une femme libre [...]. Ma liberté, j'en connais la limite.» (Saint-André, 2013: 23). Para chegar a este espírito de liberdade, foi preciso resistir, primeiro, à dolorida consciência da diferença, sentida logo ao nascer: o dar-se conta de ser mulher, frente aos anseios do próprio pai, animado pela espera de um filho:

Le jour de ma naissance, mon père m'a jetée par terre. Il voulait un fils. Puis, il s'est rendu au consulat de Turquie à Genève où il a déclaré d'une voix forte la venue au monde d'un enfant de sexe, hélas, féminin, qui porterait, que cela plaise ou pas, un beau nom: France. (Saint-André, 2013: 25).

Observe-se, aqui, a força já no nome de Françoise, quando registrada, pela primeira vez, com o nome do país em que seu pai foi educado, onde se casou e onde fundou, em 1908, o jornal *La Turquie nouvelle*. Com a morte precoce do pai, Françoise agarrou-se à imagem dessa figura masculina para constituir-se dentro de uma realidade até então desconhecida da maioria das mulheres: a de ter que sustentar, financeira e emocionalmente, uma casa e a si mesma, frente a ausência de uma figura masculina forte e detentora dessas responsabilidades. A partir disso, uma

nova consciência se lhe transparece, fortalecida pelos conflitos estabelecidos entre a culpabilidade e a consciência de um papel a ser exercido numa sociedade desconhecida até então. Para isso, lemos:

Ainsi, dès les premiers jours de mon existence, je fus placée sous le signe de la culpabilité et de la rébellion: coupable d’être fille, rebelle aux pouvoirs. Je crains qu’il m’en reste quelque chose. Quant à l’image reçue par une enfant, d’une nation que plusieurs hommes de sa famille, fort conformistes par ailleurs, ont choisi de servir, je n’ose guère la décrire. Vous n’y reconnaîtriez pas votre France. Mon père n’en était pas le fils. Il en était l’amant. Il est mort à quarante ans, dans des circonstances dramatiques, qui me furent dissimulées. On me raconta qu’il était en voyage. Ainsi, le premier homme que j’ai aimé a disparu de mon univers sensible dans toute la gloire de sa jeunesse, et sans que j’aie jamais pu confronter sa magie avec sa réalité. Il est rentré dans le folklore familial, beau, courageux, brillant. Intact. (Saint-André, 2013: 26-27)

Como se pode observar, a realidade das circunstâncias essencialmente pessoais parece constituir o alicerce intelectual dessa figura feminina forte, rebelde, destemida e visionária, que se revela no reconhecimento da história de uma jornalista múltipla, atuante numa trajetória sublime de enfrentamento e resistência diante da condição de existir e de subsistir-se:

J’ai tant erré à travers les hommes, peinant à vivre la contradiction où les prémices de mon destin m’ont tenue enfermée: petite fille sans père – s’est peu de dire que jamais il ne fut auprès de ma mère, remplacé –, j’ai âprement cherché la protection qui m’avait été dérobée. Petite fille rebelle, je n’ai jamais su la solliciter, ni même, peut-être, la recevoir. Enfant rejetée par la bourgeoisie dont j’étais issue, parce que mon milieu d’origine n’aimait pas les pauvres, sinon pour en user, j’ai âprement cherché à y retrouver une place. Enfant d’un rebelle, j’ai toujours fui au moment de m’y intégrer et d’en accepter les lois. Enfin, parce que l’arbre de la maison était mort et que ma mère souffrait tant, elle qui était une femme authentique, racines poussant loin dans la terre, humus fertile, sac d’entrailles, sac de velours, j’ai voulu, pour elle, tendre, moi, vers le ciel, et lui rendre ainsi ce compagnon perdu auquel elle pouvait donner sa sève. Ainsi ai-je vécu, garçon le jour, fille la nuit, androgyne ombrageux, me conduisant obstinément tant à l’égard des hommes qu’à celui qui envie le chien pour la sécurité que lui donne son maître, pour la niche chaude et la pâtée prête, mais qui, découvrant au cou du chien la trace du collier, reprend, affamé, solitaire mais libre, le chemin de la forêt. (Saint-André, 2013: 28)

Note-se que liberdade é uma palavra forte na constituição de uma das múltiplas identidades femininas de Françoise Giroud. Ainda que refletido pela ausência paterna, o enfrentamento do mundo de homens e de mulheres lhe trouxe a ousadia necessária para sobreviver aos desafios do determinismo excludente do até então denominado “sexo frágil” subjugado pelo sexo “maior”, o masculino, detentor de todas as regras sociais de reprodução de uma dada sociedade.

Em outro contexto, não menos diverso tampouco menos excludente, trago a somar, aqui, a contribuição da escritora brasileira Lya Luft para a elaboração do que chamamos de uma identidade feminina forte, atuante e conscientemente operante em seu papel de intelectual ativo no âmbito das

questões sociais e políticas de seu país. Nascida em 15 de setembro de 1938, em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, Lya Fett Luft vivenciou, nessa pequena cidade de colonização alemã, uma infância marcada pelo encantamento do convívio familiar, sob os cuidados de seus pais – Arthur Germano Fett e Wally Neumann Fett – e de seus avós maternos, Emília e Theodor Neumann. Lya conserva, como traço dessa harmoniosa experiência familiar, as lembranças de uma casa em que, frequentemente, se tocava piano, cantava-se música alemã e as histórias eram contadas pelas avós.

Na pequena comunidade onde nasceu, era muito comum crianças lerem e falarem alemão, uma vez que Santa Cruz era constituída, essencialmente, de famílias tradicionalmente alemãs. Lya, mesmo tendo nascido no Brasil, aprendeu, como língua materna, o alemão, e somente depois de algum tempo veio aprender o português. A convivência em um universo estritamente adulto, em que a leitura era considerada fator constituinte de uma boa educação familiar, trouxe solidez para sua formação cultural e intelectual. Sob a influência do pai, que era advogado e juiz em Santa Cruz do Sul, Lya aprendeu a ler muito cedo, especialmente porque tinha acesso a uma vasta biblioteca constituída dentro de sua própria casa. Seus livros vinham da Alemanha e, com isso, já aos 11 / 12 anos, decorava poemas inteiros de Goethe e Schiller. Ao contrário de Françoise Giroud, que tomou para si a responsabilidade de enfrentar as adversidades em função da ausência paterna, Lya Luft pôde contestar, com o apoio do pai, a subserviência a uma educação feminina tradicionalmente alemã, que priorizava a formação das mulheres para a gerência dos espaços domésticos, cabendo, a estas, as habilidades de tornarem-se boa mãe e boa esposa, conservadoras de uma esfera familiar íntegra, onde mulheres não se ocupassem de mais nada além de suas próprias casas e famílias. Contrariando, pois, este modelo de educação imposto pela mãe, Lya Luft esquivava-se de exercer as atividades domésticas e furtava-se da companhia do pai, que lhe conferia acesso irrestrito à imensa biblioteca de sua casa e à participação em assuntos que, naquela época, apenas diziam respeito aos homens. A ele, Lya Luft dedica um de seus livros premiados, com a seguinte dedicatória: “A meu pai, Arthur, para quem eu não era só uma criança: era uma pessoa.” (Luft, 1996: 5)

Parte da trajetória intelectual de Lya Luft se concretiza quando ela se forma em Letras Anglo-Germânicas e conclui dois mestrados: um em Literatura Brasileira e outro em Linguística Aplicada, quando já trabalhava, desde os vinte anos, como tradutora de alemão e de inglês, tendo já vertido para o português inúmeras obras de autores consagrados, como Virginia Woolf, Günter Grass, Thomas Mann, Rainer Maria Rilke, Bertolt Brecht, Herman Hesse, Doris Lessing, e muitos outros. Traduziu, também, o livro *O compromisso*, de Herta Müller – autora que ganhou o prêmio Nobel de Literatura no ano de 2009. Como escritora, Lya Luft recebeu os prêmios: Alfonsina Storni de poesia, em Buenos Aires, (1980); Érico Veríssimo, da Assembleia do Rio Grande do Sul, pelo

conjunto de sua obra (1984); da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), pela melhor obra de ficção de 1996, o livro *O Rio do Meio*. Como tradutora, recebeu, o prêmio União Latina de melhor tradução técnica e científica, pela tradução de *Lete: arte e crítica do esquecimento*, de Harald Weinrich.

Sua carreira literária teve início na década de 60, quando, como professora de Linguística e Literatura, começou a escrever poesia e lançou suas primeiras manifestações poéticas nos livros: *Canções de Limiar*, e *Flauta doce – tema e variações* (1965-1969). Nessa época, publicava, regularmente, poemas e crônicas no jornal *Correio do Povo*, e também alguns artigos de crítica literária. Foi através dessa participação no jornal que Lya ganhou visibilidade, uma vez que foi premiada, em 1962, no Concurso Estadual de Poesias, promovido pelo Instituto Estadual do Livro, e teve sua obra *Canções de Limiar* publicada dois anos depois. Em 1972, foi publicado o livro *Flauta doce*, e em 1978, foi publicada, também pelo Instituto Estadual do Livro, uma coletânea de crônicas intitulada *Matéria do Cotidiano*. Essas publicações foram fundamentais para o reconhecimento de Lya Luft enquanto mulher culta, intelectual ativa, capaz de se sobressair em um universo marcadamente masculino. A ideia de pertencer a uma sociedade de forma inalienável e de poder nela atuar como uma mulher livre e dona de seus ideais se lhe constituía desde a infância, quando optava pelos livros em vez dos aprendizados domésticos. Em um de seus poemas, intitulado *Sina*, a autora diz bem dessa predestinação:

quando eu era menina, a verdade parecia estar nos livros: ali moravam as respostas e nasciam os nomes. Quanto mais procurei, mais me perdi na trilha das indagações: as respostas não vinham, a verdade era miragem, a busca era melhor que a descoberta, e nunca se chegava. (Viver era mesmo sentir aquela fome.) (Luft, 2005: 23)

Em 1980, Lya publica seu primeiro romance, *As parceiras*, que introduzirá um longa e feliz fase da autora enquanto ficcionista. Seguindo a trajetória de grandes autoras brasileiras, que vinham se destacando pela efetiva presença nas letras e na ficção brasileira, Lya vem corroborar a forte presença feminina na literatura brasileira, somando-se a escritoras fundamentais de nossa literatura, liderada por Nísia Floresta, Júlia Lopes de Almeida, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Clarice Lispector, Adélia Prado e tantos outros ilustres nomes constituintes de nossa história. Nesse sentido, revelar os conflitos humanos e a condição de mulheres que se viam, constantemente, confinadas aos espaços domésticos, e, assim, submetidas às imposições que regiam o sistema patriarcal, parece ter sido a grande motivação de Lya Luft na constituição da maioria de seus romances. A dedicação a essa temática enfatiza, também, as marcas de um percurso que trouxe

solidez e reconhecimento à produção literária feita por mulheres. Nos romances de Lya Luft, é comum verificar a angústia de mulheres que não conseguem se desvencilhar das regras instituídas pelo sistema repressor, de ordem patriarcal, de que se fazem constituir o inconsciente coletivo feminino. Embora o domínio do patriarcado já se mostre decadente nesse período, o sistema de dominação ainda impede qualquer forma de transcendência aos valores individuais. A família, traço fundamental para o exercício das repressões de ordem moral e social, costuma ser descrita como uma instituição falida: fonte geradora de muitos conflitos e, conseqüentemente, de sucessivas repressões. Nessa perspectiva, a família e a instituição do casamento passam a ser, então, um espaço *tragicamente* irrecuperável, o *beco sem saída* de cada personagem.

Consolidando-se a partir de uma carreira versátil e dinâmica, Lya Luft segue publicando romances e poesia numa vasta esfera íntima e diversa até o ano de 2003 – momento decisivo para o reconhecimento da escritora junto de sua obra, em nível internacional, com a publicação de um novo “gênero” de escrita. Assim, o percurso literário de Lya Luft assume uma nova direção, com o lançamento do livro *Perdas & Ganhos*: um livro constituído de uma escrita poético-reflexiva – modo de escrita já introduzido no livro *O rio do meio*, de 1996 –, que privilegia temáticas já constituintes de suas narrativas e entrelinhas poéticas. Para isso, lemos:

Que livro é este? Talvez um complemento ao *Rio do meio*, de 1996. Escrito na mesma linha, retomando vários dos que são meus temas. Toda a minha obra é elíptica ou circular: tramas e personagens espiam aqui e ali com nova máscara. [...] Que livro é este, então? Eu não o chamaria de “ensaios”, porque o tom solene e a fundamentação teórica que o termo sugere não são jeito meu. Certamente não é romance nem ficção. Também não são ensinamentos – que não os tenho para dar. Como em muitos campos de atividade, surgem novos modos de trabalhar ou criar que precisam de novos nomes. Cada um dê a esta narrativa o nome que quiser. Para mim é aquela mesma fala no ouvido do leitor, que tanto me agrada e faço em romances ou poemas – um chamado para que ele venha pensar comigo. (Luft, 2003: 13-14).

Ainda sobre a dificuldade de se estabelecer uma classificação para o que agora se escreve, Lya acrescenta: “O que escrevo aqui não são simples devaneios. Sou uma mulher do meu tempo, e dele quero dar testemunho do jeito que posso: soltando minhas fantasias ou escrevendo sobre dor e perplexidade, contradição e grandeza; sobre doença e morte.” (Luft, 2003: 16). *Perdas & Ganhos* abriu caminho para outros dois livros, constituídos, também, sob a mesma ótica ensaísta deste: *Múltipla escolha*, publicado em 2010, e *A riqueza do mundo*, publicado em 2011. Enquanto em *Múltipla escolha* Lya Luft se encarrega de discorrer sobre alguns mitos de nossa cultura, que, segundo ela, “embora criados por nós, dificultam essa tarefa existencial” (Luft, 2010: 7), em *A riqueza do mundo* ela se dedica a escrever sobre nossas perplexidades comuns, inerentes à família, à

educação dos filhos, à educação do ser humano. Temas sobre a miséria, sobre a questão da moralidade *versus* moralismo, e os problemas mais pungentes da nossa sociedade, que incluem guerras, fome, política e tantos outros, são, também, criticamente abordados aqui. A visibilidade conjunta dessa proposta de escrita se faz mediante os dizeres que imprimem a ideia de complementaridade dos dois livros. Assim nos diz Lya Luft, em *Múltipla escolha*: “somos autores e personagens dessa cena complexa. Nos vestimos nos camarins, rimos ou choramos atrás das cortinas. Também vendemos entradas; às vezes vendemos a alma.” (Luft, 2010: 7). *A riqueza do mundo* parece apresentar, diante disso, uma possibilidade para as posturas assumidas diante dos conflitos mais cotidianos. E Lya novamente sugere-nos: “cabe a nós observar, refletir, e lutar com o necessário grão de esperança e a sólida espada da indignação – para que se cumpra o nosso destino, que é de senhores, não servos.” (Luft, 2011: 9). Nessa mesma linha de reflexões, Lya publicou o livro *Pensar é transgredir*, no qual reuniu crônicas inéditas e outras já publicadas em jornal, assim como *Em outras palavras* – livro que reúne uma coletânea de crônicas, também já publicadas na revista *Veja* – revista em que Lya Luft se consagra como primeira mulher a ocupar o posto de colunista semanal, em uma das maiores revistas de circulação nacional no Brasil. Embora alguns desses textos já tivessem sido publicados nas colunas de opinião, eles são levemente modificados e tornam-se um convite para pensar sobre temáticas recorrentes em sua obra, de modo geral, e também sobre as considerações inerentes às questões políticas e sociais do país no momento de sua publicação na revista *Veja*. Sobre esse livro, ela mesma diz-nos: “Em outras palavras: novamente peço que venham pensar comigo sobre temas que me inquietam, me assustam ou me apaixonam – o que é afinal quase a mesma coisa.” (Luft, 2006: 12). Por fim, como fruto de suas reflexões sobre o momento político do país, Lya verte seu olhar para uma nova publicação, intitulada *Paisagem brasileira: dor e amor pelo meu país*. Neste livro, publicado em 2015, os ensaios trazem uma abrangente reflexão sobre o delicado momento por que passa o nosso país, trazendo para o centro da discussão a miséria e a verdadeira crise da nação brasileira, considerada, por ela, uma crise moral acima de qualquer outro conflito. Já na quarta capa de seu livro, é ela mesma quem nos adverte:

Escrever é questionar, não importa se estou escrevendo um romance, um poema, um artigo. Palavras são minha arma: como ficcionista, meu espaço de trabalho é o drama humano: palco, cenário, bastidores e os mais variados personagens com os quais invento histórias de magia ou desespero. Como cronista, observo e comento a realidade como a vejo, com toda a gama de enganos que a gente comete: os causados pela incompetência, pessoas em postos errados, e aqueles nascidos da ganância, do apego ao poder, ou de alguma ideologia controladora pela qual tudo se sacrifica, até a honra ou o bem-estar de um povo. (Luft, 2015, quarta capa)

Como se trata de um texto essencialmente reflexivo, mais que descolar-se da perplexidade geral da situação política do país, Lya pretende provocar dúvidas e estimular desconfortos, para trazer à tona a necessidade de uma investigação para a cultura dos desvios e dos desmandos de que vem sofrendo a sociedade brasileira, como a falência da noção de autoridade, a ideia influente de que direitos não pressupõem igualmente deveres e a crise moral por que passa o povo brasileiro. Na apresentação de seu livro, incita-nos, com sua impecável habilidade discursiva, à reflexão:

Que dramático, difícil momento para escrever um livro sobre o Brasil, mesmo sendo o comentário desprezioso de uma brasileira que não é perita no assunto, não fará pesquisas nem apresentará relatórios: cronista, não estudiosa. Quero que seja um texto simples, partilhado com meu leitor num jeito coloquial, como nos meus outros livros de não ficção. Mas nada é simples: o olhar se perde nessa paisagem confusa e instável, ora agitada ora estagnada, nessa viagem sem comando firme, cheia de contradições e com destino incerto. Será uma crônica alongada, um olhar sobre o que nos acontece, assim como eu o observo e sinto – com amor e dor. Eu a chamarei “uma crônica do espanto.” (Luft, 2015: 9)

Observe-se como esse percurso proporcionou visibilidade a temáticas recorrentes, envoltas por inúmeros modos de narrar e/ou de representar as susceptibilidades humanas. Ficção e realidade parecem ter aberto, então, o palco da amplidão do indeciso, no qual a inexorabilidade do tempo pode se revelar mediante distintos papéis. E será ele – o tempo – o condutor de nossos propósitos, de nossas ações, de nossas realizações. Para ela, as contradições do tempo são as nossas, e somente o tempo mata ou eterniza uma dada realidade. Em proporções diversas e tão mesmas, percebemos como a trajetória de Françoise Giroud e Lya Luft nos brindam com a diversidade de suas atuações individuais e coletivas nas ações políticas e sociais de seus respectivos países. Enquanto Françoise Giroud exerceu, na França, o seu posto de primeira mulher a atuar em esferas políticas, conferindo um lugar de valor e visibilidade ao feminino, Lya Luft assim o fez – e ainda o faz –, no Brasil, através do poder de sua palavra no enfrentamento dos lugares de fala obstruídos e estagnados pela opressão. Embora Françoise Giroud tenha falecido no ano de 2003, ela deixou a seu país o legado de forte e efetiva participação na vida política da França, uma vez que foi duas vezes secretária do Estado e uma personalidade de primeira ordem na imprensa francesa – posição que destaco como fator de extrema relevância para a análise que aqui se propôs apresentar, especialmente se pensadas as inúmeras restrições inerentes ao sexo feminino para o exercício do papel político em um país. Sabe-se, por isso, da importância da imprensa na consolidação da mulher escritora, uma vez que muitas mulheres declaram-se escritoras a partir da publicação de seus primeiros textos em jornais, como foi o caso de Lya Luft no Brasil. Sob essa perspectiva, deve-se pensar a imprensa também como um laboratório experimental da linguagem, um espaço no qual o simples relato de vivências

cotidianas permitiu às mulheres adentrar em um sistema predominantemente designado pelo e para o masculino.

Essas experiências aproximam-nos do ideal de igualdade em relação às questões de gênero, destituindo-as da dicotomia homem-mulher e potencializando-as na condição de ser humano pariforme na constituição social. Françoise Giroud e Lya Luft: mulheres contemporâneas, intelectuais ativas de seu tempo, estrangeiras em si mesmas que buscam, no enfrentamento à resistência, identificarem-se. Se são raros os contemporâneos, como nos afirma Giorgio Agamben, podemos dizer do legítimo teor de contemporaneidade de que se constituem essas duas mulheres, que receberam, em pleno rosto, “o facho de trevas que provém de seu tempo.” (Agamben, 2009: 64). Se, ainda, ser contemporâneo “é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida por nós, distancia-se infinitamente de nós” (Agamben, 2009: 64), mais ainda reafirmamos essa capacidade lucidamente feminina, do olhar generoso que partilha e que se impõe diante das adversidades. Sabe-se que ainda há muito o que percorrer para a conquista da igualdade entre os espaços concedidos a homens e mulheres, mas, mais importante que reconhecer a distância entre o que ainda se deve percorrer, é saber e reconhecer a efetiva participação de tantos homens e mulheres pela igualdade dessa luta. E é reconhecendo a preciosidade dessa presença que trago os versos de Salete Maria da Silva (2010), cordelista brasileira, que bem expressam o *Lugar de mulher*<sup>1</sup>:

Lugar de mulher é dentro / mas também pode ser fora/  
Lugar de mulher é centro / Que a margem não ignora/  
Lugar de mulher é leste / Norte, sul, também oeste/  
De noite, tarde e aurora / De minha perspectiva/  
Mulher não tem “um lugar” / Onde quer que sobreviva/  
Pode ser seu habitual / Lugares existem zil.

Que os lugares sejam, pois, pontos de partida e de chegada, margens iluminadas pela acolhida de quem, como mulher, quer desnudar-se do preconceito e da institucionalização do ser feminino.

## Referências Bibliográficas

ADLER, L., [2011]. *Françoise*. Paris: Bernard Grasset.

---

1 Também disponível no blog da autora, *Cordelirando*: <<http://cordelirando.blogspot.com/2009/02/lugar-de-mulher.html>>. Acesso em: 20 mai 2019.

AGAMBEN, G., [2009]. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradutor Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos.

ALMEIDA, S. R. G., [2015]. *Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras.

BARROCA, I. C. S., [2014]. *Figurações e Ambiguidades do trágico: experiências constituintes do estilo na obra de Lya Luft*. 1 ed. Jundiaí: Paco Editorial.

BEAUVOIR, S., [1949]. *Le Deuxième Sexe*. Paris: Gallimard.

BUITONI, D. S., [1981]. *Mulher de papel*. Rio de Janeiro: Loyola.

BUITONI, D. S., [1986]. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática.

DUARTE, C. L., [2016]. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

LUFT, L., [2011]. *A riqueza do mundo*. Rio de Janeiro: Record.

LUFT, L., [2003]. *As parceiras*. Rio de Janeiro: Record.

LUFT, L., [2006]. *Em outras palavras*. Rio de Janeiro: Record.

LUFT, L., [1972]. *Flauta doce*. Porto Alegre: Sulina.

LUFT, L., [2010]. *Múltipla escolha*. Rio de Janeiro: Record.

LUFT, L., [1996]. *O rio do meio*. 7 ed. São Paulo: Mandarim.

LUFT, L., [2014]. *O tempo é um rio que corre*. Rio de Janeiro: Record.

LUFT, L., [2007]. *O silêncio dos amantes*. Rio de Janeiro: Record.

LUFT, L., [2015]. *Paisagem brasileira: dor e amor pelo meu país*. Rio de Janeiro: Record.

LUFT, L., [2004]. *Pensar é transgredir*. Rio de Janeiro: Record.

LUFT, L., [2003]. *Perdas e ganhos*. Rio de Janeiro: Record.

MUZART, Z. L., [2000]. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

MUZART, Z. L., [2004]. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Vol.II. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

MUZART, Z. L., [2009]. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Vol.III. Florianópolis: Editora Mulheres: CNPq.

ORTA, T. M. S., [1945]. *Aventuras de Diófanos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

PERROT, M., [1998]. *Mulheres públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp.

SANTIAGO, S., [2004]. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG.

SAINT-ANDRÉ, A., [2013]. *Histoire d'une femme libre*. Paris: Gallimard. Coleção Folio.

SAINT-ANDRÉ, A., [2013]. *Garde tes larmes pour plus tard*. Paris: Gallimard. Coleção Folio.

SILVA, S. M., [2010]. Lugar de mulher. In: DALCASTAGNÉ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte.

TOURAINÉ, A., [2006]. *O mundo das mulheres*. Lisboa: Instituto Piaget.